
HOMENAGEM

FIDELINO DE FIGUEIREDO E A RENOVAÇÃO DOS ESTUDOS HISTÓRICOS EM PORTUGAL E NO BRASIL (*).

EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

Professor de História da Civilização Antiga e Medieval
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Univer-
sidade de São Paulo.

A historiografia portuguesa.

Os estudos históricos têm uma longa tradição em Portugal e em quase todos os aspectos e em todos os momentos, os historiadores portugueses podem ser comparados com os de outros países. Basta destacarmos os nomes de Fernão Lopes, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Gama Barros, Veiga Simões, Duarte Leite, Joaquim de Carvalho e Jaime Cortezão, para citarmos apenas os que não estão mais vivos. Ora, todos êsses escritores tiveram grande projeção nas letras históricas portuguesas. Mas, apesar dessa rica tradição, é forçoso convir em que as pesquisas históricas em Portugal tiveram uma longa crise.

Fernão Lopes, homem de formação popular, cronista dos reinados de D. Pedro, D. Fernando, e D. João I, mostra na sua obra o esforço coletivo da nação portuguesa na sua afirmação de independência, indicando a figura do rei como um ser humano, com todos os seus defeitos e qualidades.

(*) . — Sob o patrocínio da Reitoria da Universidade de São Paulo e da Casa de Portugal, realizou-se no dia 15 de junho de 1967, às 20,30 horas, no Salão Nobre da segunda entidade, uma sessão solene em homenagem à memória do professor Fidelino de Figueiredo. O programa foi o seguinte: I). — Abertura da sessão pelo dr. Boaventura Barreiros, diretor da Casa de Portugal; II). — "Fidelino de Figueiredo e a renovação dos estudos históricos em Portugal" — prof. Eurípedes Simões de Paula, representando o Conselho Universitário da USP; III). — "Fidelino de Figueiredo e a renovação da historiografia e crítica literária em Portugal" — prof. Mas-saud Moisés; IV). — "Fidelino de Figueiredo hispanista" — prof. Júlio García Morejón; V). — "Fidelino de Figueiredo e sua ação no Brasil" — prof. Antônio Soares Amora (*Nota da Redação*).

Depois vem Zurara, o cortesão, que fez a crônica dos poderosos do dia.

Essa dupla tendência manifesta-se integralmente na historiografia portuguesa. De uma parte os historiadores que procuram ser sinceros, que vasculham arquivos e examinam documentos, e do outro lado os áulicos que tudo fazem para agradar e tirar proveito da situação. O historiador autêntico mantém dignidade e autonomia, repudia a complacência para com os poderosos. Muitos historiadores mereciam ser lembrados. A fim de não nos alongarmos em demasia, optamos pelos últimos, destacando que, com Oliveira Martins atingimos o último terço do século XIX. Coube-lhe sentir que a História não poderia ficar isolada das demais Ciências Sociais. A História de Portugal só seria racional se fôsse estudada dentro de um contexto ibérico. Poder-se-ia supor que êle tenha influenciado a obra de Alberto Sampaio, Basílio Teles e Antônio Sérgio.

Após Oliveira Martins surge uma notável geração de eruditos, de pesquisadores, de paleógrafos. Em sua grande maioria sem formação universitária, como aliás acontecia com o próprio Oliveira Martins. Dentre êles destacaremos: Alberto Sampaio, o pioneiro da História Agrária em Portugal, Costa Lobo, com o primeiro panorama da sociedade portuguesa do século XV e Gama Barros que nos legou êsse monumento que é a *História da Administração Pública em Portugal, do século XII ao XV* (1).

Outro grande vulto, talvez o maior, da historiografia portuguesa é, inegavelmente, Alexandre Herculano (2). Há mais de 120 anos revolveva êle em seu espírito uma série de problemas que sômente hoje preocupam os intelectuais. Quando da instalação do regime liberal em Portugal dirigia êle o *Panorama*, em que veiculou as *Lendas e Narrativas*. Antes já havia publicado *O Monge de Cister*. Seguida de uma longa gestação, publicou na *Revista Universal Lisbonense*, de Castilho, entre 7 de abril a 3 de novembro de 1842, as *Cartas sôbre a História de Portugal*. Acontecimento que, de acôrdo com Fidelino de Figueiredo, em seu artigo *Historiografia Portuguesa do século XX* (3), constituiu um marco histórico

“... porque elas foram, como em França, as *Lettres sur l'Histoire de la France*, de Augustin Thierry, a anunciação da reforma dos

- (1). — Barros (Henrique da Gama). — *História da Administração Pública em Portugal, do século XII ao XV*. Lisboa. Livraria Sá da Costa. 1945: 2.a edição sob a direção do Prof. Torquato de Sousa Soares. X volumes.
- (2). — Vide Barradas de Carvalho (Joaquim). — *As idéias políticas e sociais de Alexandre Herculano*. Lisboa. 1949. Tipografia Garcia & Carvalho Ltda. 235 páginas; Saraiva (Antônio José). — *Herculano e o Liberalismo em Portugal. Os problemas morais e culturais da instauração do regime*. 1834-1850. Lisboa. 1949.
- (3). — Figueiredo (Fidelino de). — *Historiografia portuguesa do século XX*, in “*Revista de História*”. São Paulo. 1954. N.º 20, volume IX, páginas 333-349.

estudos históricos no mundo português, com larga projeção em Espanha e no Brasil, e com reflexos de alto apreço na Europa de além Pirineus”.

Desde então, a historiografia portuguêsã ficou sob o signo de Alexandre Herculano e foi êle, sem dúvida, o primeiro a dar uma límpida visão das origens de Portugal. Lamentavelmente, o grande público venerou Alexandre Herculano mais pelos seus belos romances, do que pela sua grande e invulgar produção histórica, conhecida na época apenas por um círculo limitado de eruditos.

Alexandre Herculano produziu, todavia, um grande impacto na geração de pesquisadores do século passado, principalmente nos frequentadores dos arquivos da Torre do Tombo, que se mantiveram fiéis ao documento, reagindo contra o conceito psicológico, econômico e dramático da História segundo a escola, então superada, de Oliveira Martins.

Curiosamente, para a historiografia portuguêsã, o século XX só começou em 1910, sob a emoção da proclamação da República e das suas tendências anti-traditionalistas. Uma nova época teve início e foi de capital importância a personalidade marcante de Fidelino de Figueiredo.

*

Fidelino de Figueiredo e a historiografia portuguêsã.

Talvez, o primeiro a sentir a emoção do contraste de um regime demolidor com a tradição viva e os valores da alma portuguêsã. Razão pela qual, logo após a Revolução, corajosamente, publicou no *Espírito Histórico* um manifesto em defesa da continuidade dos autênticos problemas portuguêses (4).

Assim, fundou em 1911 a *Sociedade Portuguêsã de Estudos Históricos* (5), que se batia pela defesa das bibliotecas e arquivos religiosos, atingidos pela legislação acêrca das relações do Estado republicano com a Igreja.

Esse modesto, mas expressivo, grêmio de estudos históricos realizou durante longos anos fecundas sessões de trabalho. Modesto pelos seus meios, mas opulento pelos nomes que reunia. Entre êles citamos: Gama Barros, Costa Lobo, Braamcamp Freire, Cristóvão Aires, David Lopes, J. Leite de Vasconcelos, Fortunato de Almeida, Pe. Francisco Rodrigues, Pe. Luís Gonzaga de Azevedo, Maximiliano Lemos, J. Lúcio de Azevedo, Edgar Prestage, Charles Oman,

(4). — Figueiredo (Fidelino), *op. cit.*, pág. 336.

(5). — *Ibidem*.

Sir Clemente Markhan, Oliveira Lima, Luciano Pereira da Silva, William Ker, Joaquim Bensaude, Ferreira Lima e outros (6).

Mais notável ainda foi a fundação da *Revista de História* (7) em 1912, periódico que até 1928 reuniu 64 números enfeixados em 16 volumes. Interrupção motivada pelo fato de haver sido obrigado, pela segunda vez, a partir para o exílio. Todos êsses nomes indicados acima foram colaboradores efetivos e ativos da nova Revista, como se pode ver nos seus índices. Devemos dizer, entretanto, que nem todos foram historiadores bem caracterizados. Mas é inegável que contribuíram, com sólida e renovada documentação, para o enriquecimento da historiografia portuguesa.

Dentro êles destacamos: Gama Barros e Costa Lobo. Mas foi certamente João Lúcio de Azevedo o pesquisador que melhor se manteve entre os dois grupos atuantes de historiadores: os que atomizavam a História, decompondo-a em seus mínimos pormenores e os que tentavam elaborar uma síntese; entre os que estudavam problemas quotidianos do povo anônimo, como a pesca, a caça, o regime de terras, as corporações e os que tentavam erguer uma grande obra histórica.

João Lúcio de Azevedo, que teve na *Revista de História* a grande oportunidade de divulgar o seu pensamento, compulsou, com grande autoridade e capacidade, maços de documentos; partiu de monografia sobre o comércio do Pará — onde trabalhava — para, em seguida, encontrar os jesuitas e a sua ação social, o Pe. Antônio Vieira, o Marquês de Pombal, os judeus e a complexa vida econômica de Portugal.

Depois de 1910, o desenvolvimento dos estudos históricos em Portugal se fez sob o estímulo da emoção política e nacional: revolução e contra-revolução. Ainda, centenários e comemorações. Sem dúvida, a semente lançada pela *Revista de História* produziu o seu fruto, pois, depois do seu aparecimento houve uma grande voga na produção de memórias históricas. Lembramos alguns autores: Júlio de Vilhena, Teixeira de Souza, Dantas Baracho e mais tarde João Franco, que procuraram justificar a respectiva posição tomada em relação a El-Dei D. Carlos (8).

O V Centenário da Tomada de Ceuta (1415) — o início da expansão portuguesa — e o IV Centenário da Morte de Afonso de Albuquerque — que representa o ápice da conquista — deram motivo a grande número de publicações sob a égide da Academia de Ciências de Lisboa. A *Revista de História* sempre esteve presente a êsses acontecimentos (9).

(6). — *Ibidem*.

(7). — *Ibidem*.

(8). — *Ibidem*, pág. 340.

(9). — *Ibidem*, pág. 341.

Joaquim Bensaude empreendeu no periódico acima citado o estudo, em bases científicas, dos descobrimentos marítimos e geográficos portugueses, obra que, como se sabe, foi premiada pelo Instituto de França. Com essas publicações ampliou-se grandemente os conhecimentos adquiridos sobre os descobrimentos marítimos. Seguiram-se-lhe, outros eruditos, como: Luciano Pereira da Silva, Duarte Leite, Gago Coutinho, Antônio Barbosa, Quirino da Fonseca, Fontoura da Costa, Jaime Cortesão (10).

Dêsses estudos nasceu a idéia de publicar-se a monumental *História da Colonização Portuguesa* (11), obra que contou com financiadores portugueses residentes no Brasil. Na mesma linha foi, em 1928, publicada a grandiosa *História de Portugal* (12) sob a direção de Damião Peres. É obra que apresenta pontos muito positivos mas que, infelizmente, peca pela falta de um instrumento bibliográfico conveniente.

Evidentemente, êsse movimento de investigação histórica transcendeu do campo político e da expansão marítima. Outros setores foram atingidos, como o direito com Paulo Merêa e Moncada, a história da filosofia com Joaquim de Carvalho e a história das ciências com o grupo que colaborou na revista *Petrus Nonius* (13).

*

Fidelino de Figueiredo e o estudo da História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Em 1942, um grupo de estudiosos da História e das Ciências Sociais fundou em São Paulo a *Sociedade Paulista de Estudos Históricos*. Por motivos os mais diversos a Sociedade não foi para a frente. Mas em 1950 a idéia ressurgiu, ela reapareceu com o atual nome de *Sociedade de Estudos Históricos* e desde então já teve mais de 124 sessões culturais (14). Fidelino de Figueiredo não foi estranho a essa realidade. Ele, que já havia tido a oportunidade de fundar uma Sociedade congênere — e até com o mesmo nome — nos incentivou bastante, inclusive nos transmitindo sua própria e valiosa experiência.

(10). — *Ibidem*, pág. 343.

(11). — Dias (Carlos Malheiros) (sob a direção de). — *História da Colonização Portuguesa do Brasil*. Porto. 1921-1926. Litografia Nacional. 3 volumes.

(12). — Peres (Damião) (sob a direção de). — *História de Portugal*. Barcelos. Portucalense Editôra. 1928-1938. 8 volumes.

(13). — Figueiredo (Fidelino), *op. cit.*, pág. 346.

(14). — Rodrigues (Maria Regina da Cunha). — *Relatório sucinto das atividades da Sociedade de Estudos Históricos*, in "Revista de História". São Paulo. 1966. N.º 65, páginas 264-268.

Mas não parou aí a bondade de Fidelino de Figueiredo. Quando fundamos em 1950 a nossa *Revista de História* — atualmente com 67 números publicados — o fizemos a seu conselho. Deu-nos não só o título, o que já seria muito, mas a identificação das secções que ela deveria abrigar. Em reconhecimento, somente nos foi facultado publicar, na página 2 do primeiro número da Revista o seguinte trecho (15):

“Para sintetizar tão largo programa, precisávamos, evidentemente, para a nossa Revista, de um designativo capaz de afastar desde logo qualquer preocupação restritiva. E foi graças à gentileza do nosso eminente colega, Prof. Fidelino de Figueiredo, que podemos satisfazer inteiramente os nossos desejos, adotando a denominação de *Revista de História*. Consentiu o ilustre Professor que retomássemos o prestigioso título de uma antiga sua publicação (1912-1928), e nós, congratulando-se com isso, tomá-la-emos como modelo da nossa, pondo desde já ao serviço de todos os Homens de Boa Vontade, a nova Revista de História”.

Assim, a nossa *Sociedade de Estudos Históricos* e a nossa *Revista de História* tiveram como inspiradoras as suas predecessoras portuguesas.

Justifica-se acentuar que a então jovem *Revista de História* teve a honra de abrigar desde o primeiro número a valiosa colaboração do Prof. Fidelino de Figueiredo. Entretanto, de todos os seus trabalhos, destacamos o seu artigo sobre a *Historiografia Portuguesa do século XX*, de que nos valemos para elaborar o tema que nos foi destinado.

Se aqui ainda estivesse, pois regressou a Portugal logo após o aparecimento do periódico de que êle foi um co-fundador, prestigiaria a nossa Revista, pois continuou figurando mesmo na sua Comissão de Redação. Que o Mestre se orgulhava da sua, da nossa *Revista de História*, não temos e nem poderíamos ter dúvida.

Quando do nosso último encontro, lá na sua casa da rua Duarte Lobo na Alvalade, em Lisboa, procurou levantar-se, ajudado como sempre pela igualmente invulgar e saudosa D. Dulce Helena — que hoje reverenciamos com a mesma emoção — para apanhar o último número recebido da nossa Revista. Justifica-se, pois, que êsse periódico esteja na linha de frente das homenagens póstumas que os centros culturais do mundo civilizado vêm prestando a um dos mais autênticos, mais humanos, mais afirmativos valores culturais de nossos dias.

(15). — Paula (Eurípedes Simões de). — *O nosso programa*, in “*Revista de História*”. São Paulo. 1950. N.º 1, página 2.

Assim é que, com a devida vênia, transcrevemos um pequeno trecho da sua lúcida análise sobre: *O Conhecimento Histórico e o Conhecimento Literário*, onde esclarece:

“Ambas as formas do conhecimento, a histórica e literária, são na sua essência, uma recuperação do passado por meio dos vestígios dêle, os documentos. O conhecimento literário é acompanhado de emoções estéticas, mas esta não é impossível, nem rara no conhecimento histórico por efeito da grandeza dramática dos sucessos ou da superior beleza da obra historiográfica, em que estão narados” (16).

Esse é, em linhas gerais, o pensamento do nosso Departamento de História. Lá se encontra o recém-fundado Laboratório do Centro de Documentação Histórica, onde os nossos alunos dispõem de recursos técnicos para uma eventual interpretação de determinados documentos. O Prof. Fidelino de Figueiredo sem dúvida teria gostado imensamente do nosso Centro, pois êle sempre foi um autêntico historiador, vivendo a problemática de sua época, tanto na sua pátria como nos países onde ensinou.

Da fecunda e impressionante, pela sua versatilidade, a *Bibliografia de Fidelino de Figueiredo*, organizada por D. Neuza Dias de Macedo, em que estão reunidos, em ordem cronológica, 313 verbetes (no período de 1905 a 1961), destacamos somente 56, onde focaliza problemas históricos, todos trabalhos preciosos, compreendendo livros e artigos. — Quem teria produzido mais?

Dir-se-ia possível afirmar que a última mensagem por nós conhecida, representa o coroamento de toda uma vida de eleição em que o Professor tem justificado destaque. Professor que fêz escola, estamos entendidos, pois o seu último artigo, o excelente estudo em que focaliza *A problemática dos séculos XV e XVI* (17) encontra-se entre as páginas da *Revista de Letras* da Faculdade de Filosofia de Assis, justamente num Instituto Isolado do Ensino Superior do Estado, fundado e dirigido por um seu discípulo, que conseguiu reunir uma equipe que, além de manter em alto nível as Letras, conserva vivo o espírito do Mestre que hoje, particularmente, estamos reverenciando.

Terminando êste nosso depoimento, queremos dizer que êle foi modesto, mas sincero, pois assim pudemos dizer quanto a Universidade de São Paulo, e nós em particular, somos gratos ao Mestre que hoje é uma grande saudade.

(16). — Pereira (Carlos de Assis). — *Ideário Crítico de Fidelino de Figueiredo*. Boletim nº 272 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. 1962, pág. 265.

(17). — *Revista de Letras* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, nº 2, páginas 8-18.

*
* *

BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA DE FIDELINO DE FIGUEIREDO.

Professor e escritor, nasceu em Lisboa a 20 de julho de 1889 e morreu em Lisboa a 20 de março de 1967. Formou-se em Ciências Histórico-Geográficas, no Curso Superior de Letras, em 1910. Nomeado professor efetivo do Liceu de Faro em 1911, foi 3 anos depois transferido, por distinção, para Lisboa. Desempenhou, em 1914, 1917-19 e 1926-27, várias comissões técnicas no Ministério da Educação Nacional, foi duas vezes diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa (1918-19 e 1927); deputado da Nação em 1918-19; examinador extraordinário das Escolas Normais Superiores das Universidades de Lisboa e Coimbra (1926-27); professor da Faculdade de Filosofia y Letras da Universidade de Madri, em 1927-30; hóspede do governo checoslavaco e conferencista no Instituto Ibero-Americano de Praga, em 1929; *visiting professor* da Universidade da Califórnia em 1931 e 1937, e da Columbia University (Nova-York) em 1931; professor extraordinário da Universidade Nacional Autônoma do México ainda em 1931; preletor do Instituto de Altos Estudos (Academia das Ciências de Lisboa) desde 1932; professor extraordinário da Universidade de Santiago de Compostela em 1932 e 1935; vice-presidente do *Comité* de Lisboa da *Académie Internationale d'Histoire des Sciences*, de 1932 a 1935; delegado português ao XIV Congresso Internacional de Escritores reunido em Buenos- Aires, e ao VII *entretien* do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações, em 1936; representante oficial da Universidade da Califórnia nas festas centenárias da Universidade de Coimbra, em 1937; professor contratado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo nos anos de 1938, 1939 e 1942-51 e da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, nos anos de 1939, 1940 e 1941; em 1943 presidiu aos concursos para professores de Português dos ginásios e escolas normais do Estado de São Paulo. Regeu cursos ou proferiu conferências no *King's College*, de Londres; na Sociedade de Geografia de Lisboa; Faculdade de Medicina do Pôrto; Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro; Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães; Centro de Estudios Históricos de Madri; Sociedade Económica Matritense; Universidade de Salamanca; Círculo de Belas Artes, de Bilbao; Sociedad Menéndez y Pelayo, de Santander; Stanford University (Estados Unidos); Mill's College, Oakland (*ibidem*); Universidade de los Angeles (*ibidem*); Instituto de las Españas en los Estados Unidos (Nova York); Centro de Artesanos de la Coruña; Casa de Espanha (Lisboa); Universidad de La Plata; Academia Nacional de la História (Argentina); Colegio Libre de Estudios Superiores, Buenos Aires; Departamento Municipal de Cultura, São Paulo; Academia Brasileira de Letras, etc. Fundou e dirigiu a *Revista de História* (1912-1928). Colaborou largamente na Imprensa portuguesa, espanhola, brasileira, etc. Foi redator-literário efetivo de *El Debate*, de Madri (1924-1930), e colaborador efetivo de *O Jornal*, do Rio de Janeiro (1920-25) e dos "Diários Associados", do Brasil (desde 1938). Foi redator, ou *associate editor*, das revistas especiais: *Books Abroad*, Norman, Oklahoma (E.U.A.); *Hispanic American Historical Review*, Durham, North Carolina (E.U.A.); *Land and Freedom*, Nova-York; *Revista de Filología Hispánica*, Buenos Aires; *Helicon*, Debrecen (Hungria). Em

1926 foi *guest of honour* do P.E.N. Club de Londres. Em 1941 foi premiado no Concurso Internacional Literário de Tóquio, pelo seu ensaio sobre *O Japonismo na Literatura Portuguesa*. Foi membro do Instituto de Coimbra, 1913; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1913; da Academia das Ciências de Lisboa, 1915; da Sociedade Menéndez y Pelayo, Santander, 1920; “honorário” do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, 1920; da Real Academia de la Historia, de Madri, 1920; da Academia de Buenas Letras, de Barcelona, 1926; “honorário” da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, 1927; *honorary fellow* da Sigma Delta Pi Spanish Society, Estados Unidos, 1931; Academia de la Historia de Cuba, La Habana, 1935; Academia Nacional de la Historia, Buenos Aires, 1936; Hispanic Society of America, Nova York, 1937; Academia Carioca de Letras, Rio de Janeiro, 1939; “honorário”, com medalha de prata, do Liceu Literário Português, Rio de Janeiro, 1941; palmas de ouro (1941) da Academia Brasileira de Letras e seu sócio correspondente, 1942; vogal da Comissão Internacional de História Literária Moderna, Paris, etc. São as seguintes as suas obras (com a data das primeiras edições): *O Espírito Histórico*, 1910; *História da Crítica Literária em Portugal*, 1910; *Revista de História*, direção e colaboração, 1912-1928, 16 vols.; *A Crítica Literária como Ciência*, 1912; *História da Literatura Realista*, 1914; *Características da Literatura Portuguesa*, 1914, *Portugal nas guerras européias*, 1914; *História da Literatura Clássica*, 1917, 1922 e 1924, 3 vols.; *Estudos de Literatura*, 1917, 1921 e 1934, 4 vol.; *Como dirigi a Biblioteca Nacional*, 1919; *Cartas de Menéndez y Pelayo a García Pérez*, 1921; *Epicurismos*, 1924; *Torre de Babel*, 1925; *Sob a Cinza do Tédio*, 1925; *Revoada Romântica*, 1926; *O Pensamento Político do Exército*, 1926; *Língua e Literatura Portuguesa*, 1928; *Notas para um Idearium Português*, 1929; *Uma viagem à Phobolandia*, 1929; *Estudos de História Americana*, 1929; *História de um “Vencido da Vida”*, 1929; *Motivos de novo estilo*, 1930; *Crítica do exílio*, 1930; *A Épica Portuguesa no século XVI*, 1931; *Iniciação Boêmia*, 1932; *As Duas Espanhas*, 1932; *Menoridade da Inteligência*, 1933; *Interpretações*, 1933; *Depois de Eça de Queirós ...*, 1934; *Pyrene*, 1935; *O Dever dos Intelectuais*, 1935; *Aristarchos*, 1939; *Últimas Aventuras*, 1941; *Antero*, 1942; *Comédia Trofeia*, de Bartolomé Torres Naharro, reimpressão prefaciada, 1942; *A luta pela Expressão — Prolegómenos para uma filosofia da Literatura*, 1944. Algumas destas obras estão traduzidas para várias línguas. Da sua história da literatura portuguesa há resumos escolares: *História da Literatura Portuguesa (Manual Escolar)*, Lisboa, 1918; *História de la Literatura Portuguesa*, Barcelona, 1927 (Coleção Labor); *Literatura Portuguesa (Desenvolvimento histórico, das Origens à Atualidade)*, Rio de Janeiro, 1941.

A produção literária de Fidelino de Figueiredo bifurca-se em duas direções principais: a obra de história crítica da literatura (com a sua introdução de teoria e metodologia da história e da crítica) — e a obra de ensaísmo filosófico. Estas duas direções principais poderiam ainda dividir-se, cindindo a primeira em metodologia e teoria ou filosofia da literatura, sua história e crítica (*O Espírito Histórico*, *A Crítica Literária como Ciência*, vários ensaios incluídos em obras acima enumeradas, *Aristarchos* e *A Luta pela Expressão*), e história da literatura portuguesa (*História da Literatura Clássica*, *Romântica*, *Realista*, *Depois de Eça de Queirós*, vários dos *Estudos de Literatura* e os manuais escolares). Entre estas suas orientações e a ensaística poderia colocar-se a de estudos sobre a civilização espanhola (*As Duas Espanhas*, *Pyrene*, vários ensaios, *Comédia Trofeia*).

E o ensaísmo comporta também dois sentidos ou duas formas de expressão interpretativa dos problemas, perplexidades e aspectos da cultura e da vida do nosso tempo: a mais emotiva de *Sob a Cinza do Tédio, Revoada Romântica, Viagem à Phobolândia* — e a mais intelectual de *Idearium, Motivos, Menoridade da Inteligência, Últimas Aventuras*, etc. Mas tôda esta obra complexa e multimoda admite, melhor ainda, a redução à unidade, porque é, na verdade, singularmente una, tendo, na base, como propósito radical, a modelação constante da personalidade, num permanente esforço de síntese afetiva e intelectual, e, no cimo, um filosófico desejo de interpretação da vida e do mundo, aplicado em particular à compreensão dos aspectos atuais da problemática da cultura de todos os tempos.

Sôbre Fidelino de Figueiredo e a sua obra, além de artigos de Unamuno, Keyserling, Marcel Brion, Roberto F. Giusti, Jean Cassou, Gerhard Moldenhauer, Diez-Canedo, Carlos Pereyra, Oliveira Lima, etc., existem os seguintes estudos principais: Eduardo Moreira, *Escôrços Bibliográficos — Fidelino de Figueiredo*, Lisboa, 1917; Georges Le Gentil, *Le Mouvement littéraire au Portugal — Fidelino de Figueiredo*, in *Bulletin Hispanique*, Bordéus, 1920; Jackson de Figueiredo, *As Idéias Gerais de Fidelino de Figueiredo*, conferência, in *Afirmações*, Rio de Janeiro, s.d., também editada em 1922 pela Academia das Ciências de Lisboa; Tristão de Ataíde, *Fidelino de Figueiredo e O Drama da Crítica*, Rio de Janeiro, 1920 e 1939, reproduzidos na 2a. ed. de *Aristarchos*; John Vising, *En Banbrytare pa den portugisiska litteraturhisiriens onrade. Fidelino de Figueiredo*, Kobenhayn, 1920; Gilberto Freyre, *Um crítico português*, Recife, 1924; Naasson Figueiredo, *Fidelino de Figueiredo*, Recife, 1928; Mathilde Ponés, *Katholische Lestung in der Weltliteratur der Gegenwart*, Freiburg Breisgau, 1934; Matheus Moreno, *Fidelino de Figueiredo*, in *El Consultor Bibliográfico*, Madrid-Barcelona, 1925; Samuel Putnam, *Fidelino de Figueiredo or the Scholar and the City*, Nova York, 1937, tradução portuguesa na *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, vol. 61^o; Johannes Semper, *Louna Risti All*, Tartu, 1937; Silveira Peixoto, *Falam os Escritores*, Rio de Janeiro, 1941, etc. Foi ainda colaborador da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.